

Apresentação

ETNICIDADES, COSMOVISÕES E MOBILIZAÇÕES INDÍGENAS

HELANE KAROLINE TAVARES GOMES

Mestra em Antropologia e Arqueologia - Universidade Federal do Piauí

Email: helanetvares@hotmail.com

CINTHYA VALÉRIA NUNES MOTTA KÓS

Doutoranda em Estado e Sociedade - Universidade Federal do Sul da Bahia

Email: cinthyakoss.antro@gmail.com

CRISTHYAN KALINE SOARES DA SILVA

Mestranda em Antropologia - Universidade Federal do Piauí

Email: cristhyankaline@hotmail.com.br



O dossiê Etnicidades, cosmovisões e mobilizações indígenas, resulta da organização dos trabalhos que foram expostos e debatidos em GT com o mesmo título, que aconteceu no âmbito do III Simpósio de Antropologia da UFPI - SIMPANTRO. O evento aconteceu no ano dos dias 3 a 5 de novembro de 2021, na modalidade virtual.

Compreender a natureza, os elementos constitutivos e as razões da persistência dos grupos étnicos configura-se como um dos objetivos deste dossiê. Considerando o que defende Max Weber (1999) e Fredrick Barth (1998) que a persistência étnica encontra-se baseada em grande parte na reivindicação de reconhecimento de particularidades étnica em relação ao “outro” consistindo o grupo étnico uma comunidade política, o foco dos trabalhos aqui reunidos recaem sobre as formas e estratégias e mobilizações dos sujeitos coletivos em torno, e principalmente suas identidades étnicas. Ou seja, as pesquisas apresentam diferentes modos de ser, pensar, agir e estar no mundo, com base em cosmovisões indígenas.

Os escritos do presente dossiê, trazem diversos e diferentes casos de mobilizações indígenas em diferentes partes do Brasil e da América do Sul, apresentando contextos díspares, mas também conjunturas compartilhadas a respeito de múltiplas vivências indígenas.

Contamos com análises de produção bibliográfica, etnografias e ensaio visual acerca de coletividades indígenas. De caráter interdisciplinar, temos trabalhos oriundos de diferentes áreas; direito, antropologia, história, geografia, que versam sobre diferentes temáticas, como: decolonialidades, diversidade cultural, processos demarcatórios, territorialidade, emergências étnicas, relações interétnicas, políticas públicas para povos indígenas, relações internacionais, religiosidade, percepções e formas de mobilizações e acesso a direitos fundamentais.

Os casos e estratégias de mobilização e as pesquisas apresentados neste

dossiê possuem em comum mudanças promovidas por agentes externos, principalmente pelo Estado em suas diferentes facetas, instâncias, discursos, ações e agentes, assim também como através de políticas públicas que não dialogam, não reconhecem e desrespeitam as particularidades étnicas, culturais e sociais dos povos indígenas.

É sabido que desde os tempos coloniais, as diversas etnias indígenas encontraram formas de resistir as violências impostas pelos colonizadores. O processo de colonização a qual os povos indígenas foram submetidos reverbera nos dias atuais em formas colonizadas e colonizadores de poder. Todavia, assim como outrora, os povos indígenas continuam a resistir e fazem isso de forma organizada de modo que também se são produtores e detentores de esferas de poder dentro da sociedade atual.

No artigo “**¡Fuera FMI del Ecuador! este paro no para**”: o papel do movimento indígena nos protestos equatorianos de 2019 Júlia Fernanda Vargas da Costa, traz um panorama da atuação da Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE), chamando atenção para como a organização do movimento indígena vai contra a colonização na práxis política. É bastante profícuo a forma como a autora amarra o debate teórico acerca da decolonialidade com a vivência do movimento indígena no Equador. O trabalho apresenta o CONAIE, como o movimento se organiza, quais etnias fazem parte da organização, quais suas linhas de atuação, para em seguida, chegar ao objetivo principal do escrito, que é discorrer como o CONAIE atuou nos protestos de 2019 no Equador e qual a importância do mesmo para os povos indígenas do referido país.

Ao exemplificar como o CONAIE atuou nos protestos em 2019, a pesquisa dar relevo ao modo como atores, grupos sociais, histórias e lugares fazem parte da construção dos espaços políticos e epistemológicos, mesmo que sejam marginalizados. É fundamental, portanto, dar atenção às maneiras pelas quais

aqueles que vivem a diferença colonial pensam a teoria a partir da práxis política, teorizam sua própria prática e acreditam com voracidade na força epistêmica das histórias e lutas locais. O Artigo e a reflexão nele contida, vão de encontro ao argumento apresentado acima, em suma o escrito pode ser considerado como uma fonte de fundamental importância para pensar a força epistêmica e política dos movimentos indígenas, na América Latina como um todo. A mesma temática de mobilização e organização indígena é apresentada no artigo a seguinte.

O levantar dos Kaiowá e Guaraní para o renascimento da terra sagrada apresenta a dinâmica territorial, os elementos históricos e a luta dos povos indígenas Kaiowá e Guaraní, no Mato Grosso do Sul, com ênfase na Reserva Indígena Limão Verde, ao passo em que estes aguardam a conclusão dos estudos de reivindicação de seus territórios tradicionais (*tekoha*). Este artigo buscou compreender a partir das narrativas indígenas, fontes bibliográficas e método etnográfico, a relação do mito da “terra-sem-mal” e os processos de retomadas territoriais. Aspectos organizativos são delineados com base nas memórias das lideranças das três famílias indígenas.

A pesquisa de campo que fundamenta o artigo integra um trabalho mais amplo de dissertação de mestrado da autora Lílian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa. Com base no diálogo com a bibliografia relevante e nos dados de campo a autora elucida o contexto de expropriação territorial, as trajetórias de mobilidade, o percurso destes em direção à aldeia, bem como os processos de articulação e mobilização fundamentados nas reuniões das grandes assembleias gerais (*Aty Guasu*).

É pertinente destacar as contribuições da pesquisa para as reivindicações territoriais no presente contexto de grave violação dos direitos humanos e territoriais, miséria, preconceito e violência aos quais essas etnias foram submetidas, sobretudo no que se refere ao contexto de expropriação territorial associado à expansão do agronegócio que repercute em problemas estruturais, na escassez

de recursos e opções resultando no êxodo desses povos que se veem obrigados a buscar trabalhos remunerados fora da reserva em usinas de produção de açúcar e de álcool. Saindo do Mato Grosso do Sul, passemos agora a mobilizações indígenas na Bahia.

O povo Pataxó consiste em uma etnia populacionalmente numerosa no litoral do extremo sul do estado da Bahia. No artigo intitulado **Dinâmicas da territorialização e etnicidade pataxó no território do Monte Pascoal**, Ramom Raffaello apresenta parte dos resultados de pesquisa desenvolvida com o propósito de compreender as ações coletivas do povo Pataxó. Fundamentado na teoria da territorialização definida por João Pacheco de Oliveira (1998) o artigo expõe as dificuldades e estratégias dos Pataxós, ao longo dos anos na luta pelo reconhecimento e garantia dos seus direitos étnicos e territoriais.

A pesquisa tem como marco temporal o período de criação do Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP), mais especificamente a partir de 1961, quando se deu a instalação da estrutura permanente do IBDF (órgão que precedeu o Ibama). O foco recai nas conflituosas relações interétnicas entre os Pataxó que aí viviam e os agentes do parque. Fundamentado no paradigma biocêntrico, a criação da Unidade de Conservação implicou na expropriação dos indígenas, que foram removidos para terras não agricultáveis.

A importância deste artigo está em mostrar os desdobramentos de políticas de Estado na vida de populações etnicamente diferenciadas. A pesquisa mostra ainda que, os Pataxó organizaram-se para comunicar o caso de violações de seus direitos, às autoridades competentes em busca por providências, submetendo-se a longas e perigosas jornadas a pé aos centros político-administrativos do Brasil. Entre estas são mencionadas lideranças como: Tururim, Heuretiano, Epifânio, Palmiro e Josefa Pataxó. Diferente de outras vertentes da sociedade brasileira, os direitos básicos e essenciais para os povos indígenas são resultantes de muitos esforços e perdas. As conquistas resultantes

também serão apresentadas no artigo. O artigo a seguir versa sobre outra demanda das organizações indígenas, o acesso à educação.

O ingresso ao ensino superior tem se mostrado crescente e é uma pauta que compõe a agenda de luta do movimento indígena. As dificuldades de acesso e continuidade, as lacunas de políticas públicas e a importância desta inserção é o que trata o artigo **Indígenas intelectuais e a pós-graduação: um desafio para as universidades brasileiras** produzido pela colaboração de pesquisa de Gabriel Braga, Antônio Aguiar Neto e Denise Cardoso.

Os autores apontam que as universidades brasileiras, até um período muito recente, apresentavam traços de uma cultura elitista, eurocêntrica e colonizadora, devido ao perfil de discentes e docentes, que fazia parte de um arranjo político e social. Os enfrentamentos diários que parcela da população encara, consistem em verdadeiros empecilhos para inserção em instituições de ensino, como é o caso, das instituições de ensino superior. A pesquisa mostra que no caso dos indígenas, o desgaste e o estado de alerta constante a qual estão submetidos, devido às instabilidades territoriais, afeta de forma negativa o ingresso e permanência em instituições de educação formal. Estas e outras dificuldades não foram superadas. A continuidade dos estudos, como o ingresso em programas de pós-graduação, como mestrado e doutorado, é outro desafio.

Alguns exemplos de intelectuais indígenas são apresentados no texto, como: Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Sonia Guajajara, Célia Xacriabá e Glicéria Tupinambá. Como mostra a pesquisa, os indígenas que chegam às universidades, na maioria dos casos, são os que possuem papel ativo nos movimentos sociais e que ganham um papel de destaque após o cruzamento de trajetórias. Os intelectuais indígenas conciliam conhecimentos acadêmicos com conhecimentos tradicionais, construindo assim novas epistemologias. Estes raros, porém, crescentes exemplos são de suma importância para o processo de descolonização dos conhecimentos acadêmicos.

É sabido que os povos indígenas, mesmo em suas especificidades étnicas, possuem a história comum do passado colonizado. Um dos modos de resistência a colonização diz respeito a continuidade da língua materna a manutenção da cultura ao longo dos tempos, por meio da tradição oral. O artigo intitulado **História, cultura e oralidade na aldeia Guajajara da cachoeira em Barra do Corda, Maranhão** de Dailme Tavares traz uma reflexão sobre a tradição oral e cultural da aldeia Guajajara da Cachoeira. A autora aciona autores indígena como Daniel Munduruku para pensar a tradição oral como aspecto central na cultura indígena.

O escrito trata-se de uma reflexão teórica sobre os conceitos de tradição, cultura e oralidade e como os mesmos estão embricados nos modos das vivências indígenas. A autora pontua que a categoria família, também é fundamental para o entendimento dos conceitos supracitados, pois é no seio da família que a tradição oral é repassada no dia a dia. Desse modo o escrito é um aceno para pensar sobre os modos de ser indígena.

O presente dossiê também conta com o ensaio visual **A retomada das imagens Pitaguary** com autoria de Alexandre Oliveira Assunção, através das imagens e texto leitor é transportado ao terreiro da aldeia Monguba Pitaguary, situada entre os municípios de Pacatuba e Maracanaú, no Ceará. Os registros referem-se a uma reintegração de posse, no território Pitaguary, pela Polícia Federal. As imagens comunicam dinamicidade, fluidez e liderança. O ensaio almeja propiciar uma experiência imersiva e singular cristalizada no diálogo entre as lideranças indígenas, no registro da Pedreira Encantada, no ritmo do maracá tocado pelo Pajé Barbosa, no dinamismo e transcendência das rodas de toré, captada pela fotometria, na imponência do território da Serra Pitaguary e na preservação e construção da memória das mobilizações indígenas, a partir do registro da exposição de imagens da Retomada na aldeia Santo Antônio. O ensaio é um convite a refletir sobre mobilizações indígenas através de imagens.

Na sessão livre contamos com o artigo **Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente: um território em reconstrução** de autoria de Herbert Costa Levy. No texto territorialidade é contemplada como elemento organizacional e de reconstrução do território da comunidade quilombola da ilha de São Vicente, situada no extremo norte do estado de Tocantins e pertencente ao bioma amazônico, na região conhecida como Bico do Papagaio, situada à margem direita do Rio Araguaia em uma ilha de aproximadamente 2.500 hectares, na divisa com o estado do Pará.

O autor traça um panorama geral acerca das origens e aspectos organizativos da comunidade quilombola, o processo de regularização fundiária junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e os conflitos territoriais associados à Ilha de São Vicente. Com relação às categorias analíticas o autor busca elucidar ciclo territorial da comunidade com base nos conceitos de “Ciclo Territorial Histórico” e “Relações Constitutivas de Territorialidades” que remetem ao período que antecede o reconhecimento da comunidade como remanescente de escravizados. Trata-se de um estudo preliminar de caráter bibliográfico a partir da qual são lançadas as bases das categorias analíticas utilizadas pelo pesquisador.

O dossiê conta ainda com entrevistas **“A demarcação do território indígena, na minha concepção, isso significa a retomada da vida”**: Entrevista com as lideranças indígenas femininas do Estado do Piauí. As conversas aconteceram na III Assembleia dos Povos Indígenas do Piauí, no dia 23 de julho de 2022 o município de Uruçuí no Sul do estado. Nos diálogos com as lideranças, falamos sobre as realidades das etnias indígenas no estado, como as mesmas tem se organizado politicamente e quais as principais demandas pelas quais estão lutando.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!